



O DESAFIO ÉTICO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ERA PLANETÁRIA: REPENSANDO A ÉTICA A PARTIR DA COMPLEXIDADE

Francini Carla Grzeca – Unijuí

Celso José Martinazzo – Unijuí

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de trazer para o debate a temática da dimensão ética na educação escolar tendo em vista as novas características da sociedade planetária. Tendo como referencial teórico a obra de Edgar Morin procuramos analisar e compreender as principais categorias do pensamento complexo para então repensar a ética e a complexidade inerente a ela. De acordo com Morin a ética necessária é a antropológica, a ética propriamente humana que emerge da consciência da trindade indivíduo/espécie/sociedade da condição humana. A aposta de Morin é fazer com que a ética complexa possa inspirar o ser humano e a humanidade toda a pensar e a agir segundo os princípios da compreensão e da solidariedade. O pensador alerta, no entanto, que para o desenvolvimento de uma ética complexa é imprescindível realizar a reforma do pensamento e, concomitantemente, da educação escolar.

Palavras-chave: Ética. Complexidade. Educação Escolar.

Considerações iniciais

Esta pesquisa exploratória, com base nos princípios da Teoria da Complexidade, tem como objetivo repensar a ética e suas implicações no processo educacional. Temos como propósito alimentar o debate sobre as possibilidades e alternativas do desafio ético no campo da educação escolar. Com base nos conceitos fundamentais, nos princípios e nas categorias da Teoria da Complexidade procuramos destacar as potencialidades que ela representa em termos de uma nova matriz paradigmática de racionalidade, bem como os seus desdobramentos na ética e no processo educacional.

Os estudos e pesquisas sobre a dimensão complexa da realidade têm início a partir de meados do século vinte. A complexidade, nos dias de hoje, vem assumindo destaque justamente por estar sendo reconhecida pela ciência como uma propriedade inerente a todo e qualquer fenômeno biofísicocultural.

Para atingir os objetivos percorremos um itinerário de investigação epistemológica que partiu da caracterização do modelo de conhecimento engendrado na modernidade, suas

consequências, bem como sua crise atual. Tomamos como principal referência o entendimento teórico da complexidade em Edgar Morin e a crítica que ele elabora sobre o paradigma moderno de conhecimento.

A modernidade realiza uma ruptura com o dogmatismo medieval no qual o processo do conhecimento ocorre sob a expressão da fé e da crença em verdades reveladas pela autoridade bíblica. Por sua vez, o período moderno instaura um novo modelo de conhecimento que pressupõe o exercício pleno da razão pelo indivíduo. A modernidade, portanto, consolida um novo paradigma de conhecimento centrado na razão subjetiva e mentalista.

Morin, artífice da complexidade, entende que o paradigma do conhecimento moderno produziu um tipo de pensamento simplificador, pois, opera com princípios cognitivos disjuntivos e reducionistas. Com base neste argumento Morin vai fundamentar sua crítica à insuficiência do pensamento moderno em compreender as questões complexas da atualidade e promover ações éticas solidarizantes. Os princípios cognitivos da complexidade buscam compreender as ambivalências, as incertezas, as contradições, as conexões e as emergências da complexidade do universo como um todo.

De acordo com Morin: “A crise dos fundamentos da ética situa-se numa crise geral dos fundamentos da certeza: crise dos fundamentos do conhecimento filosófico, crise dos fundamentos do conhecimento científico” (2007a, p. 27). A chamada crise do pensamento moderno tem desdobramentos sobre os modelos de sociedade e, principalmente, sobre a ética decorrente da perda dos fundamentos da certeza do conhecimento e dos princípios da moral.

Morin destaca que a necessidade de se retomar a discussão sobre ética, dá-se em virtude do novo panorama atual, ou seja, da planetarização da humanidade. Tendo em vista o atual estágio de uma sociedade planetária Morin revisita a ética e a retoma a partir do pensamento complexo. Ele aponta toda a complexidade inerente às questões éticas, as incertezas, ilusões e ambiguidades quando discorre sobre a necessidade de constituirmos uma antropoética, ou seja, uma ética fundamentada na concepção complexa da condição humana como triúnica: indivíduo/espécie/sociedade.

Segundo a antropoética, nós indivíduos, nos descobrimos como pertencentes a uma mesma espécie e sociedade, por isto, a ética revigorada na complexidade constitui-se em ato de ligação. Daí a aposta de Morin de que a antropoética possa se configurar em uma ética de solidariedade para com o outro, para com a espécie e para com a sociedade¹.

¹ Embora o foco deste artigo seja a antropoética com base teórica da complexidade encontramos nos escritos de Morin (2003a) outros dois componentes da ética complexa: a sócio-ética e a auto-ética. As três esferas da ética complexa se entrecruzam em atos que promovem a religação com o outro, com a sociedade, com a espécie, com

A possibilidade de humanizar a ética está condicionada à reforma do paradigma do pensamento moderno. A reforma do pensamento e a emergência da cidadania planetária são condições *sine qua nom* para a consolidação de uma ética propriamente humana, ou seja, de uma ética que emerge da consciência de pertencimento à espécie humana. O estilo de vida moderno e a educação gerada pela racionalidade simplificadora não contemplam a ética do gênero humano, e, sim, contribuem para a ruptura do vínculo indivíduo/sociedade/espécie, promovendo, desta forma, a sobreposição do indivíduo sobre os demais termos da relação trinitária. Essa inversão conduz ao desenvolvimento do individualismo extremo e agrava as questões éticas. Morin alerta que: “O extraordinário desenvolvimento da individualidade humana, depositária do pensamento, da consciência, da reflexão, curiosa do mundo físico e do desconhecido metafísico, não deve nos levar a reduzir o humano apenas à individualidade” (2003a, p.51).

O pensamento complexo se coloca como condição privilegiada para encarar o desafio de vislumbrar novas possibilidades que contemplem a complexidade do processo de educação escolar num mundo com características planetárias. Os novos caminhos para a educação pressupõem o apoio e a inspiração em princípios das ciências contemporâneas que permitem e promovem um olhar e um pensar multidimensional.

Pensar bem é Ético

Morin destaca que pensar bem, pensar de forma complexa, é solidarizar conhecimentos. A educação, nesta perspectiva, necessita atuar na construção do bem pensar, que alarga a compreensão humana evitando o pensamento reducionista e preconceituoso. De acordo com o pensador o grande desafio da ética é superar a incompreensão causada pelo mal pensar, pela incapacidade de compreensão intelectual resultante de determinismos culturais que enrijecem as idéias e as estruturas do pensamento. Para enfrentar a incompreensão Morin traz para o centro da discussão da ética a necessidade do pensar bem, ligando e contextualizando os conhecimentos na promoção de ações solidarizantes, pois um pensar simplificador e fragmentado promove ações simplificadas e fragmentadas.

O filósofo reitera diversas vezes, em suas reflexões, que o modo de pensar formulado no racionalismo e na racionalização que caracteriza e promove o desenvolvimento científico e tecnológico, está pautado em princípios técnico-instrumentais e, portanto, limita a compreensão humana a uma perspectiva única. Ele sentencia que, quando esse tipo de pensamento é aplicado às questões éticas, chega a ser desumano, pois pode reduzir o universo num todo, pois, sob a ótica da complexidade tudo é solidário.

julgamento e a condenação das pessoas por critérios estreitos e únicos. Para não reduzir e limitar a compreensão das questões éticas, o pensador julga necessário desenvolver um novo paradigma de pensar capaz de produzir uma compreensão mais alargada, uma compreensão complexa. Para compreender a incompreensão, gerada pelo paradigma do conhecimento moderno, Morin (2007a, p.117) escreve:

Em nível de idéias, um conhecimento comum dos mesmos fatos e dados não basta para a compreensão mútua. Os paradigmas que determinam os modos de pensamento e as visões de mundo [...] são incapazes de compreender uns aos outros. As concepções de mundo excluem-se entre elas e evidentemente umas não vêem mais do que os erros e ilusões das outras. Existem paradigmas que elucidam parcialmente mas cegam globalmente, assim como o paradigma cognitivo que dominou o conhecimento ocidental e impôs a separação e a redução para conhecer, impedindo a concepção de um conhecimento que liga o local ao global e o elemento ao sistema do qual faz parte. O princípio de redução, que reduz um todo complexo a um dos seus componentes, que tira do contexto, produz a incompreensão de tudo aquilo que é global e fundamental. O princípio de disjunção alia-se ao princípio de redução para impedir a concepção dos vínculos e da solidariedade entre os elementos de uma realidade complexa, produzindo igualmente a invisibilidade do global e do fundamental. Assim ocorre com os princípios de conhecimento que cegam, restando como saída, vale repetir, recorrer aos metapontos de vista.

O pensamento complexo comporta um metaponto de vista sobre as estruturas do conhecimento que lhe permite compreender as determinações paradigmáticas da incompreensão dos atuais paradigmas dominantes nos modos de conhecimento. Morin sinaliza para a necessidade de abandonar a barbárie do pensamento e de civilizar as ideias, reorganizando o processo de conhecimento num pensamento que solidariza e religa.

Em Morin, portanto, a questão da ética está estreitamente ligada às formas e processos cognitivos, pois o modelo de conhecimento que se adota conduz, necessariamente, a uma ação, a uma intencionalidade ética. São as ideias, os conhecimentos gerados pelo nosso modo de conhecer, ou seja, pela compreensão que temos da realidade que condicionam nosso agir sobre o mundo. É preciso reconhecer, como lembra Fortin (2007, p.127), que “as ideias transformam a acção”; assim, um pensamento que percebe um mundo de forma fragmentada promove ações dilacerantes e, por outro lado, um pensar mais abrangente e complexo solidariza os conhecimentos e motiva ações solidarizantes. O pensamento complexo, segundo Morin, é o pensamento que religa. Um pensamento que compreende e solidariza os conhecimentos atinge uma maior compreensão da realidade, um entendimento multidimensional podendo, assim, alargar a compreensão e o julgamento ético.

O grande empreendimento de Morin tem sido encontrar um método de conhecimento que recusa a simplificação e contemple a complexidade. Há um elo inseparável entre a dimensão ética e a forma de perceber e conhecer a realidade. Ele alerta que a ética não pode ser dedutível de um saber, pois o dever é vivido subjetivamente pelo indivíduo. O conhecimento, no entanto, é indispensável à ética, pois ajuda “[...] a lutar contra as cegueiras, as fragmentações, disjunções, reduções, ilusões que obscurecem o conhecimento, atrofiam a consciência, atomizam e dessolidarizam os indivíduos” (FORTIN, 2007, p. 202). A conduta moral necessita ter conhecimento das condições objetivas onde se realiza. Morin enuncia que “o princípio de consciência (intelectual) deve esclarecer o princípio de consciência (moral)”. Cita Pascal para reforçar sua convicção: “A ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade da vida, do mundo, da própria ética” (2007a, p. 60).

Fortin (2007, p. 203) acentua que “conhecimento e ética devem combater sem descanso o ‘mal pensar’ para favorecer um pensamento sadio, tónico e higiénico”. Concomitantemente, ‘pensar bem’ tornou-se o novo princípio da moral complexa. É nesta perspectiva que Morin (2007a, p. 60) dá sentido à frase de Pascal “Trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral”. Pensar bem é pensar complexo, é ligar, solidarizar os conhecimentos, contextualizar, alargar a compreensão. Fortin (2007, p. 208), contudo, lembra que “Não basta limitar-se a ‘pensar bem’, é preciso aprender a pensar bem, *tendo em vista*, sobretudo, aprender a agir bem”.

A aposta de Morin (2007a, p. 142) é que, com base no pensamento complexo, a humanidade consiga estabelecer a relação cognitiva necessária ao ‘pensar bem’ e, também, à relação necessária à ética da compreensão e da solidariedade. Isso porque o pensar bem desenvolve e alarga a compreensão cognitiva, desdobrando-se numa compreensão complexa, objetiva e subjetiva, que, de forma recursiva, estende-se à ética da compreensão e da solidariedade.

A ética da compreensão amplia a compreensão da condição humana. É pelo pensamento complexo, que tem como característica abraçar, envolver os conhecimentos, que Morin vislumbra a possibilidade da relação cognitiva necessária para a consciência de nossa condição humana complexa (indivíduo/espécie/sociedade). Assim, a ética da compreensão, como enfatiza Morin (2007a, p. 143), “[...] incita-nos a assumir a identidade humana no seu nível complexo e convida-nos para a dialógica razão/paixão, sabedoria/loucura. Reclama a nossa compreensão da condição humana, com seus desvios, ilusões, delírios”. Deste modo, a compreensão da condição humana complexa possibilita maior compreensão dos seres

humanos e de suas ações, resiste à incompreensão, aos preconceitos, à intolerância e à redução do outro ao seu erro.

O ‘trabalhar para bem pensar’ reconhece a complexidade humana e reconhece que a ética não pode deixar de ser complexa, isto é - como o próprio conhecimento complexo - clara, clarificadora, ligada, ligadora, consciente, crítica, responsável, mas sempre incerta, e por vezes até incerta da sua certeza. É o que faz com que a ética complexa deva ser uma ética da compreensão e da solidariedade. Ética aberta, pluralista, humanista, comunitária e planetária (FORTIN, 2007, p. 204).

O autor é enfático ao reconhecer o vínculo entre conhecimento e ética ao sustentar a ideia de que se preserve e se desenvolva a compreensão, pois somente ela faz dos humanos seres lúcidos e éticos: “A compreensão necessita de um conhecimento complexo. Para lutar contra as raízes da incompreensão é preciso um pensamento complexo. Daí, mais uma vez, a importância de ‘trabalhar pelo pensar bem’” (MORIN, 2007a, p. 123).

A promoção do ‘pensar bem’ e, conseqüentemente, da compreensão humana é, segundo Morin, o grande desafio do nosso tempo. Sendo assim, ele indica a necessidade de civilizar as ideias por meio de uma reforma do ensino e das estruturas do pensamento.

Educação e reforma do pensamento

De acordo com Morin (2006) o sistema de ensino atual que se estrutura com base no modelo disciplinar das ciências na organização do conhecimento impede a compreensão do complexo, daquilo “que é tecido junto”. O conhecimento, conforme Morin (2006, p. 24), “[...] constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos”. Sua organização se dá em função de princípios e regras estabelecidas, comportando operações, ora de ligação, ora de separação; de análise e de síntese.

A educação escolar tem privilegiado a organização disciplinar do conhecimento que adota os princípios de separação e análise, em detrimento dos princípios de ligação e de síntese. Esta organização do ensino é caracterizada por Petraglia (2008, p. 38), como um “[...] conjunto específico de conhecimentos com suas próprias características sobre o plano de ensino, da formação dos mecanismos, dos métodos, das matérias”. A organização do conhecimento, sob este viés, promove a redução, a fragmentação e a simplificação do saber. No âmbito escolar a fragmentação do conhecimento, impede que o aluno possa pensar de forma contextualizada, religando os saberes. Segundo Morin (2006, p. 15):

Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar.

Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento.

A organização do conhecimento escolar em disciplinas com ênfase na especialização não possibilita ao estudante integrar esse conhecimento na compreensão e na condução da sua vida pessoal e profissional. As informações são ministradas em forma de parcelas dispersas de saber. Necessitamos de um tipo de conhecimento que promova a religação dos saberes², capaz de organizar, relacionar e contextualizar os saberes e informações. Temos, assim, o que Morin vai denominar de estudante ‘cabeça cheia’.

A primeira finalidade do ensino foi formulada por Montaigne: mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia. O significado de ‘uma cabeça bem cheia’ é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. ‘Uma cabeça bem-feita’ significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (MORIN, 2006, p. 21).

O conhecimento fragmentado em disciplinas escolares imprime na mente dos estudantes um pensamento fragmentado e descontextualizado promovendo, inevitavelmente, à redução e à limitação da compreensão. Conforme Morin:

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (2006, p. 16).

Morin sinaliza que o processo educacional deve promover um modo de pensar que desenvolva a aptidão da mente para contextualizar, para pensar complexo: “[...] *O desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação*” (2006, p. 24; grifos do autor).

O desenvolvimento da aptidão da mente para contextualizar o conhecimento aspira à promoção de um pensamento ecologizante. O termo ecologizante é utilizado por Morin para demarcar a conexão que o conhecimento deve manter com o seu lugar e com o seu contexto. O pensamento ecologizante

[...] situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, econômico, político e, é claro, natural. Não só a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica

² Sobre a temática da religação dos saberes é importante ler a obra *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*, organizada por Morin (2005) e que serviu de base para repensar o ensino secundário na França.

de outra maneira. Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo, pois não basta inscrever todas as coisas os acontecimentos em um ‘quadro’ ou uma ‘perspectiva’. Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes (MORIN, 2006, p. 25).

Morin (2006) sugere que sejam estabelecidos princípios organizadores do conhecimento que superem as barreiras entre as disciplinas, sem suprimi-las. Distinguir os saberes sem separá-los. Essa passagem pode ocorrer a partir de uma reforma do pensamento que consistiria em agregar e articular os operadores cognitivos do pensamento complexo no cérebro humano. Morin apregoa a substituição de um pensamento que isola (disjuntivo) e separa (reductor) por um pensamento que distingue e une, ou seja, por um pensamento complexo: dialógico, recursivo e hologramático.

Há, efetivamente, necessidade de um pensamento:

- que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes;
- que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões;
- que reconheça e trate as realidades, que são, concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula);
- que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade (MORIN, 2006, p. 88-89).

O pensador apresenta como hipótese para superar a fragmentação do saber a reforma de pensamento, sustentada pela teoria da complexidade, visando à religação dos saberes num conhecimento em movimento: “[...] um conhecimento em vaivém, que progride indo das partes ao todo e do todo às partes” (MORIN, 2006, p. 116). Os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade são importantes para realizar o movimento necessário à reforma do pensamento, pois, nesses conceitos, está imbricada a noção-chave de cooperação e intercomplementaridade entre conhecimentos. O importante é conservar a ideia de um conhecimento em cooperação, aberto e em movimento. Ainda, conforme Morin (2006, p.115). “devemos ‘ecologizar’ as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se”.

O processo de ensino promovido pela escola precisa potencializar, nos jovens, aptidões mentais para “[...] saber pensar bem para enfrentar e conviver com os enormes problemas e desafios colocados hoje nos níveis locais e globais” (ALMEIDA, 2008, p. 129).

Precisamos, portanto, conforme Petraglia (2008, p. 43):

[...] unir os saberes formativos, que são fundamentalmente éticos, aos técnicos e culturais, para que possamos aprender a condição humana. Trata-se de estabelecer uma nova aliança entre cultura científica e cultura humanística. Vale destacar ainda que, se somos seres biológicos e culturais, aprenderemos sobre nós mesmos quando situados em nosso universo cultural. Somos produtos e produtores dessa cultura. E essa relação auto-eco-organizadora deve contribuir para que aflore uma consciência ética e reflexiva de pertencimento à espécie humana, como também a consciência de uma cidadania, que é planetária.

A ética complexa é resultante, portanto, de um pensamento complexo. Segundo Limena: “Torna-se necessário saber ver, saber pensar além da racionalidade e da racionalização que tomaram conta do desenvolvimento científico e do pensamento ocidentais” (2008, p. 16). A ética pressupõe saber perceber e saber pensar com base num pensamento complexo, aberto e solidário.

O imperativo ético da educação

O abandono das concepções metafísicas do conhecimento instaura uma crise nos fundamentos da verdade, da certeza e, por extensão, da ética. Um possível caminho para enfrentar tal crise está na reforma do modelo de pensamento cartesiano. Os princípios cognitivos da complexidade permitem uma visão multidimensional do real. Cabe à escola saber lidar com as incertezas do conhecimento.

As práticas educativas de transmissão e acumulação de saberes, sob a forma de disciplina, tendem a se esgotar diante da atual conjuntura civilizacional e da planetarização da humanidade. O modelo de educação que aborda o conhecimento de forma disciplinar e fragmentado em disciplinas não proporciona a constituição das disposições mentais necessárias para a compreensão, contextualização e globalização do conhecimento. Essas são competências necessárias para o cidadão do mundo planetário. O elo recorrente entre desenvolvimento da compreensão e educação fica evidente na frase de Morin: “Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro” (2007b, p. 104).

É compromisso ético da escola, portanto, promover e desenvolver o pensamento complexo com base em princípios cognitivos de compreensão da complexidade do real. Neste sentido, entende-se que o compromisso ético da escola é educar os cidadãos para que possam compreender a complexidade do mundo e saber atuar nele de forma consciente e ética. Cabe à

escola assumir o compromisso com a reforma do pensamento para que os estudantes possam pensar complexamente os desafios éticos planetários.

Um dos objetivos da educação é dar condições para que o aluno aprenda a pensar bem, apropriando-se do patrimônio cultural da humanidade e, assim, poder agir de acordo com princípios éticos pautados na solidariedade. Destaca Morin (2003b, p. 97) que “um modo de pensar, capaz de unir e solidarizar conhecimentos separados, é capaz de se desdobrar em uma ética da união e da solidariedade entre os humanos”. O surgimento da humanidade da humanidade, da verdadeira civilização humana e da sociedade-mundo depende, portanto, de uma ética complexa.

A ética ressignificada pelo viés da complexidade é compreendida como ‘ética do gênero humano’, que implica numa radical reinterpretação da ética. A ética do gênero humano é a antropológica, que considera a complexidade inerente à condição humana, a inseparabilidade da tríade indivíduo/espécie/sociedade. A ética, sob o olhar da complexidade, reconhece o pertencimento simultâneo do humano às três instâncias da condição humana: é indivíduo, membro de uma sociedade e pertencente a uma espécie. As três instâncias são totalmente inseparáveis e estão recursivamente incluídas umas nas outras, uma contendo a outra e vice-versa. Assim, a espécie está no indivíduo que está na espécie; o indivíduo está na sociedade que está no indivíduo.

A ética é (re)ligação, liga o indivíduo à espécie e à sociedade, mas é também aposta provisória e incerta. E a consciência da incerteza, da provisoriedade, da contingência e da trindade ética é condição necessária para realizar a antropológica.

Breves conclusões

Edgar Morin aponta a necessidade de um conhecimento pertinente que leve a pensar e, sobretudo, agir na sociedade planetarizada. Para ele, cultivar este conhecimento constitui-se no grande desafio posto à educação escolar. O autor sugere como caminho para enfrentar este desafio a necessidade de reformar o pensamento. A sua proposição é produzir um pensamento capaz de contemplar a complexidade do mundo e da diversidade da condição humana, abarcando a multidimensionalidade dos saberes, ligando os conhecimentos, potencializando assim, a compreensão e a realização de ações solidárias e éticas.

Morin destaca, portanto, a necessidade de se continuar repensando a racionalidade, as práticas pedagógicas, as certezas e as verdades que sustentam e legitimam o processo educacional. Há, sem dúvida, a necessidade de um pensamento capaz de lançar um olhar mais aberto, plural e multidimensional para toda e qualquer realidade biológica e/ou

sociocultural podendo compreender as múltiplas e complexas dimensões que as caracterizam e perpassam. O mundo como um fenômeno complexo, multidimensional, contraditório e globalizado precisa ser compreendido por meio de um pensamento que contemple essa complexidade.

A esperança de Morin é que a reforma do pensamento, necessária à emergência da cidadania planetária e à antropoética, possa ser promovida pela educação escolar. Para a escola realizar tal reforma, no entanto, é condição fundamental que ela repense a forma de organização, compreensão e produção dos conhecimentos escolares.

Portanto, a reforma do pensamento e da educação escolar, o surgimento de uma ética complexa e a emergência da cidadania planetária formam um elo recorrente. A antropoética só pode ser consolidada na compreensão da condição humana de indivíduo/espécie/sociedade, principalmente pelo equilíbrio dos três termos desta relação. Cabe à educação escolar refletir sobre os procedimentos e práticas de ensino promovendo uma necessária reforma do pensamento com vistas à emergência da antropoética num mundo planetário.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Complexidade e ecologia das idéias. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008. P. 129-139.

FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução a *O Método* de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LIMENA, Maria M. Um intelectual sem fronteiras. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008. P. 15-22.

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2007a.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2003a.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007b.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003b.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. (Org.). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O meu caminho: entrevista com Djénane Kareh Tager**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

PETRAGLIA, Izabel. O desafio da solidariedade. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008. P. 35-45.